



## EDITORIAL

### QUANDO A LITERATURA E AS ARTES DÃO RESPOSTAS

No atual contexto de pandemia, em que os *media* diariamente nos oferecem cenários invocados e reais de morte, vêm à memória outras situações-limite. Recordamos pestes, catástrofes e outras formas de destruição em massa. E tentamos compreender o que fazer perante uma conjuntura inteiramente nova. No meio académico, várias semanas volvidas sobre o início do recolhimento obrigatório, com o ensino à distância, a avaliação remota e o teletrabalho em pleno curso, começamos a encarar outras incógnitas. Como vai ser a vida depois da quarentena? Que novos problemas surgirão? Haverá vantagens a colher? E, em particular, o que teremos aprendido?

No mundo das Humanidades e das Artes, é natural procurarmos as respostas... nos livros. É, pois, à literatura – e a outras formas de criatividade, como o teatro, o cinema e a música – que este número especial do “ILCH em Notícia” é dedicado. Fomos procurar na tradição literária e cultural outras experiências, visões e perspetivas da “peste”, vista como termo categorizador de ameaças globais. E, a partir de ângulos diversos, do romance à partitura, do palco ao ecrã, tentámos olhar a vida durante e depois da epidemia. Por outras palavras, considerar como *reagir* e como *reconstruir* tudo o que, inevitavelmente, está a ser *destruído*: a economia, as rotinas sociais, as práticas culturais e o que tínhamos até há bem pouco como certezas, ou seja, coisas tão simples como poder sair à rua e ir trabalhar.



## TEATRO

### O TEATRO E A PESTE: ANTONIN ARTAUD

Por: Francesca Rayner (DEINA)

Neste momento de confinamento de corpos e de distanciamento social, é difícil atribuir às palavras “peste” e “contágio” uma conotação metafórica positiva. No entanto, o poeta, dramaturgo, ator e ensaísta francês Antonin Artaud (1896-1948) afirmou no seu ensaio *O Teatro e a Peste* (1933) que qualquer inovação no teatro passava necessariamente pela destruição das formas artísticas existentes e que só experiências extremas como a peste poderiam revolucionar o teatro que ele considerava já morto.



Para Artaud, o teatro como peste era um elemento central do seu projeto para um teatro ‘cruel’, que visava contrapor-se ao teatro convencional e à sua dependência do texto dramático. Por oposição, o teatro de Artaud tinha como objetivo contagiar *performers* e o público num ritual comum afetivo e simbólico. Propunha destruir o teatro do seu tempo de modo a criar um teatro visceral e sensorial baseado em gestos, imagens, luz e som. Influenciado por sonhos, revelações e relatos reais sobre a peste em Marselha, Artaud descreve a experiência de dissolução do corpo e das estruturas sociais em tempos de peste como dolorosa, mas ao mesmo tempo purificadora e potencialmente libertadora. Reforça a ideia de que um ato aparentemente destrutivo pode simultaneamente vir a ser um ato criativo.

No momento atual, apenas conseguimos sentir a situação frustrante e difícil que enfrentamos. No entanto, também neste período de “peste” novas formas criativas estão a emergir e irão reconfigurar o teatro e as outras artes no futuro.

## LITERATURA

### A LITERATURA COMO FORMA DE RESISTIR

Por: Micaela Ramon (DEPL)

Quando, em 1947, Albert Camus publicou *A Peste*, não poderia por certo imaginar que tal obra viria, quase três quartos de século depois, a revestir-se de tão grande atualidade. O romance relata os acontecimentos vividos em Orão, tranquila cidade costeira argelina que, de um momento para o outro, vê a sua pacatez transtornada pelo aparecimento súbito de uma praga de ratos, que saem de todos os lados para morrer à luz do dia, espalhando primeiro a incredulidade, a repugnância e a indignação; depois, a doença, o medo, a morte e o caos.

Embora Camus tenha escrito *A Peste* como uma alegoria do nazismo e da sua insidiosa *infeção* das formas de vida numa Europa que quase não sobreviveu a tamanha propagação do mal, o tema abordado presta-se a uma leitura mais literal, que encontra paralelo com a atual situação de pandemia mundial. Também nos dias que correm, pacatos cidadãos de todo o mundo vêem as suas rotinas interrompidas por uma *peste*, desta vez em forma de vírus invisível, que lhes tolhe os movimentos, confinando-os em casa, encurralados entre o medo e a esperança de que “vai ficar tudo bem”. No romance, sucessivos acontecimentos revelam uma coincidência assustadora com a realidade atual: gente isolada da família e dos amigos, fronteiras fechadas, produção e consumo descontinuados, alastramento da doença e da morte, desmoronamento da economia com consequências devastadoras na ordem social. No entanto, ao fim de alguns meses as mortes começam a diminuir, o cerco alarga-se e a vida regressa paulatinamente à normalidade, provocando manifestações de descompressão e de júbilo.

Que podemos então aprender com este romance? Ou, dito de outra forma, para que serve a literatura? É o próprio Camus que responde: “[E]sta narrativa (...) [diz] simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar”. Também Tolentino de Mendonça escreveu recentemente: “Os livros são salva-vidas (...). A leitura é uma forma de resistir”.



## REALIDADE OU SciFi?

Por: Margarida Pereira (DEINA)



Um vírus altamente contagioso obrigou-nos a um confinamento e a um distanciamento inumanos, que parecem projetar-nos nas narrativas fílmicas ou literárias de ficção científica. Temos a sensação que a situação que agora vivemos nos coloca numa estranha realidade ficcionada que vimos já projetada nos ecrãs e na escrita. Vêm-nos à mente imagens de mundos distópicos, em que o planeta se torna um lugar inhóspito para os seres humanos.

Essa é a realidade do filme *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982), baseado no romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), de Philip K. Dick. O filme passa-se em 2019, tornando-se, assim, estranhamente próximo em muitos sentidos. No centro deste filme, bem como no da sua sequência, *Blade Runner 2049* (D. Villeneuve, 2017), está não uma contaminação, mas a possibilidade de a raça humana ser substituída por andróides, face à crescente inhospitalidade do planeta. A incapacidade de o planeta albergar vida humana está também no centro de um conto de E. M. Forster, com o título *The Machine Stops*, publicado pela primeira vez em 1909 (e acessível [aqui](#)). Trata-se de um conto que nos fala de um mundo futuro em que os seres humanos são obrigados a buscar refúgio subterrâneo, pois a Terra tornou-se há muito inabitável. Aí, os seres humanos vivem em completo isolamento e comunicam através de um sistema que lhes permite verem-se e falarem uns com os outros.

Creio que, este ano, quando os meus alunos tiverem de estudar este conto, ele lhes trará novas reverberações. Esperemos, contudo, que esta experiência nos permita refletir em novos modos de estar no mundo.

## MUSICA HUMANA

Por: Ângelo Martingo (DM)



Numa das várias iniciativas que emergiram no âmbito das medidas de confinamento por virtude do Coronavírus, a Rotterdams Philharmonisch Orkest disponibilizou no YouTube um [vídeo](#) em que, numa colaboração *online*, apresenta um pequeno excerto da 9ª Sinfonia de Beethoven.

Beethoven é o protótipo do génio, figura prometaica que personifica o triunfo da vontade sobre as limitações da natureza e a erupção da subjetividade na comunicação musical, e o tema apresentado, hino União Europeia, constitui um convite à fraternidade, irrompendo o baixo com o vocativo “*O Freunde*” (Amigos), a que responde o coro “*Freude! Freude!*” (Alegria! Alegria!). Todas estas ressonâncias são vertidas num apelativo vídeo que, como qualquer *hit*, conta com mais de dois milhões e meio de visualizações.

A orquestra é um microcosmos de interação social em que os indivíduos, num conjunto bem determinado quanto à hierarquia e papéis, simultaneamente competem e colaboram num espaço físico delimitado. Aí, como na sociedade, o atual contexto, em que o Outro emerge como ameaça à auto-preservação, radicalizou a ambivalência na interação e transportou ainda mais a esfera pública para o domínio digital.

Se a iniciativa demonstra a necessidade da cooperação na prossecução de um objetivo comum, ainda que na ausência física, não poderá deixar de constituir também um convite a uma relação expressiva com o Outro, em alternativa à sua instrumentalização, retomada a normalidade da vida. Muito para além da COVID-19, se a música não quiser ser irrelevante nos desafios sociais em que se inscreve, terá de demonstrar que tal é possível, fazer suas as tensões do mundo, articular o heterogéneo, e, na complexidade, ser inteira, como Beethoven.

## TELETRABALHO (Por Patrícia Cavaco)

### I. DESAFIOS E AMEAÇAS DO TRABALHO ONLINE

Filipe Ramos (Gabinete Técnico do ILCH)

**Como classifica a reação dos funcionários docentes e não-docentes do ILCH ao teletrabalho?**

Muito boa. Houve dias de incertezas, que rapidamente foram ultrapassados. Tanto os nossos serviços administrativos e técnicos como a atividade letiva, neste momento, com mais ou menos dificuldades, funcionam em pleno.

**Quais as maiores dificuldades que tem sido chamado a resolver?**

Prestar assistência a utilizadores remotamente é diferente. Saímos de um ambiente “padronizado” para a realidade de cada um, com velocidades de ligação diferentes que geram dificuldades na prestação do apoio remoto. Mas a adaptação de todos tem sido a chave para a boa resposta que tenho conseguido dar. Realço o acompanhamento dos serviços centrais, que têm conseguido, com tanta adversidade, estar presentes.

**Indique um aspeto positivo e outro negativo do teletrabalho, enquanto**

**especialista informático.**

O menos positivo é a gestão do espaço familiar, conseguir separar a vida pessoal da vida profissional. O positivo, depois do período de adaptação, é conseguir tratar de mais assuntos em simultâneo.

**Há agora mais perigos online?**

Agora estamos muitos mais *online*, e ao mesmo tempo. Os perigos continuam e alguns apresentam-se nas plataformas que agora utilizamos para o ensino à distância. *Emails* com convites falsos para aulas ou reuniões e ficheiros ardilosos para instalação facilmente poderão infetar os nossos computadores. É preciso estar alerta!

**Tem planos, ou sonhos, que gostasse de realizar na sua profissão?**

Muitos, mas planos como acabar o doutoramento ou integrar um projeto “big data” podem deixar de ser prioridade... Depois da pandemia, talvez seja preciso redesenhar o próprio futuro.



### II. TRABALHAR NA QUARENTENA, SEM PREJUDICAR O CORPO

André Pinto (Médico especialista em Medicina do Trabalho)

**Qual o maior obstáculo ao teletrabalho?**

O maior desafio de trabalhar na quarentena são as distrações. Ao vermo-nos fechados em casa somos solicitados pela família, pelas tarefas domésticas, pelas pausas alimentares, pelas distrações televisivas. Logo, é importante manter o foco no objetivo. Somos um ser moldável, podendo usar a nossa flexibilidade intelectual para nos adaptarmos a esta nova realidade.

**E relativamente à questão física?**

É vantajoso criarmos um ambiente de trabalho limpo, organizado, arejado e espaçoso. Um local que nos permita sentir que nos podemos mover e, naturalmente, assumir as posturas corretas. Lembrar a importância de manter as costas bem apoiadas na cadeira, colocando o monitor numa posição que permita ao pescoço estar no alinhamento da coluna, evitando



flexão excessiva. O ângulo de 90º pode ser usado como referência na orientação das articulações do tornozelo, joelho, anca e cotovelo. Tratando-se de um trabalho predominantemente sedentário, as pausas ativas são prioritárias, para manter um bom rendimento intelectual. A necessidade do corpo se mover é imperativa, logo a cada hora é recomendado sair da cadeira, abrir o peito, afastar os ombros das orelhas, tentar unir as omoplatas, levantar o queixo e respirar fundo. Ao mesmo tempo, efetuar movimentos circulatorios das várias articulações. Desta forma, conseguimos fazer mover os fluídos corporais e oxigenar as células cerebrais.

**Será que o que pensamos determina o nosso bem-estar físico?**

Uma vez que o corpo é o reflexo da mente, é essencial sermos seletivos no tipo de informação que deixamos entrar. Somos inundados com tanta informação dramática que a nossa visão pode-se tornar míope. Assim, tão ou mais importante que os cuidados físicos é escolher ser um tipo de observador que vê esperança, soluções e oportunidades, selecionando automaticamente a informação que nos guia. Portanto, é com os olhos postos num futuro desejável que modificamos o nosso presente!